

O uso mágico das gemas na arte e na literatura medieval

Azzurra Rinaldi¹

Submetido em 06/2016

Aceito em 06/2016

RESUMO:

Os lapidários medievais oferecem uma panorâmica dos poderes mágicos que as pedras preciosas ou semipreciosas possuem. A crença na magia das gemas reflete-se de forma geral na literatura e na arte medievais, em particular na ourivesaria.

Com este trabalho pretende-se oferecer uma visão abrangente do uso das pedras na Idade Média mostrando uma seleção de textos e as obras de arte em que estas aparecem. Portanto, começar-se-á com a descrição dos textos teóricos, os lapidários, até explorar as obras literárias e outras expressões artísticas, em particular a arte do mosaico e da ourivesaria.

PALAVRAS-CHAVE: Gemas – Magia – Idade Média – Arte Medieval – Literatura Medieval

ABSTRACT:

Medieval lapidaries provide an overview of magical powers of precious stones and semi-precious stones. Belief in magic gems is reflected in the literature and in the general art of Middle Ages, particularly in jewelry.

The intention of this study is to offer a global view of the use of stones in the Middle Ages, analyzing a selection texts and works of art in which they appear. Starting with the description of theoretical texts, lapidaries, we will then explore literary works and other artistic forms, discussing in particular mosaic and jewelry artworks.

KEY WORDS: Gemstones – Magic – Middle Ages – Medieval Art – Medieval Literature

¹ Universidade de Coimbra.

Segundo as palavras de Peter Kittson, as gemas sempre fascinaram os homens, que admiravam não apenas a beleza e a profundidade das cores, mas também as suas diferentes qualidades de cativar a luz e de a refletir. A combinação destas qualidades, raras na natureza, encorajou a atribuição às pedras, e em particular às preciosas, consideradas ainda mais poderosas, porque dotadas de poderes mágicos e curativos (KITTSON *apud* BEINERT, 1, 2003). As pedras podiam ter um poder sobre o seu correspondente analógico, ou seja, se, por exemplo, uma gema tinha “um aspeto atormentado ia representar um céu carregado de chuva, tornando-se uma pedra de chuva” (MALRIEU, 1996, 53). Além da característica visual da pedra, era também considerada importante a forma, porque com base na forma que tinha, a pedra podia funcionar melhor do que a mesma tipologia de pedra mas de talhe diferente. A morfologia das gemas podia-se alterar com o tempo, perdendo, assim, muito do seu poder. Tal perda de potencialidade acontecia também nos casos em que a pedra ficava longe do seu ambiente natural (BEINERT, 2003,63-64).

Por “mágico” queremos entender algo que na realidade antiga e medieval podia ser chamado de “ciência” ou “religião”. De facto, as pedras eram utilizadas para curar doenças, prever o futuro e proteger as pessoas das calúnias, injúrias ou para lhe oferecer qualidades, tais como, por exemplo, força, coragem, lealdade e assim por diante. De facto, o poder das pedras pertence a uma vertente do mágico definida por Guilherme de Auvérnia (875-918) como “magia natural”, isto é, uma qualidade sobrenatural intrínseca do objeto seja pedra, planta ou humano (a capacidade de lançar o mau-olhado ou de ter pressentimentos). Utilizar este tipo de magia significava também estudar os poderes ocultos das pedras, por exemplo, tentar conhecer o poder de atração do magnete ou explicar as manifestações atmosféricas, como os relâmpagos (GIRALT, 2011, 18, 25).

O poder “mágico” das gemas era utilizado de diferentes maneiras. As pedras preciosas são fundamentais na fabricação de amuletos e talismãs, mas também na decoração artística de figuras sagradas; em loiça, como copos e taças; e na construção de armas, em particular, as espadas.

Os amuletos eram utilizados para proteger do mal produzido por seres sobrenaturais, maldições, mau-olhado e demónios e tinham, também, a capacidade de curar doenças. Estes podiam ser de material vegetal, plantas; animal, usando ossos; ou ainda mineral, as pedras. Os talismãs apenas protegiam das forças sobrenaturais, e eram

religiosos ou “científicos”, ou seja, eram objetos de simbologia religiosa, como cruzes ou imagens de santos. A realização de tais peças podia ser efetuada com pedras que normalmente tinham gravações ou metais preciosos como ouro e prata. A estes tipos pertencem também aqueles que simbolizavam os deuses pagãos da antiguidade e da mitologia escandinava (VILLENEUVE, 1998, 35, 950).

Os talismãs, ao contrário dos amuletos, não estavam interditos pela instituição eclesiástica, porque a sua fabricação tinha a que ver com a magia harriana, cujo princípio fundamental era a relação simpática de todos os elementos do universo entre si; portanto, para que o talismã funcionasse ocorria ligar o poder das pedras com aquele dos corpos celestes. Para concretizar esta ação de conjunção astral com as pedras, era necessário invocar os anjos como mediadores entre Céu e Terra (GARCÍA AVILÉS, 1999, 87). Além disso, o poder do talismã resultava ainda mais intensamente quando a gravadura reproduzia um símbolo cristão, assim para obter quer a propriedade natural quer o efeito divino (KORNBLUTH, 28/06/2011, Medievalists.net).

Estes tipos de objetos protetivos eram aprovados pelas instituições eclesiásticas apenas nos casos em que a preparação era efetuada por clérigos. De facto, nas outras situações pensava-se nestas pedras como algo de mágico, e, portanto, ligado ao demónio² (em vários casos podia acontecer que para ter mediadores entre o céu e a Terra se invocavam os diabos) e supersticioso, mas para o povo a diferença entre talismãs aprovados pela Igreja e os outros condenados por serem mágicos ou demoníacos não era muito evidente (CROW, 2009, 97-98).

Um dos livros mais importantes que explica a arte de criação dos talismãs é o *Picatrix* (1256) que segundo as fontes latinas foi traduzido a mando de Afonso X³, o Sábio (1221-1284), do árabe para castelhano e para latim, esta última versão é a única que se conhece. Além desta fonte, o rei estava muito interessado nos assuntos astrológicos e das pedras, de facto na biblioteca privada do rei encontram-se outras importantes obras das quais têm que ver com o uso das pedras, isto é, o *Lapidario* (1250) e *Libro de las formas y de las imágenes* (1276-1279). Conhece-se também um fragmento dum opúsculo em francês contido no *Liber Razielis* (Século XII) sobre as

² Entendia-se como demónios também as divindades pagãs que, não sendo aceites pela instituição eclesiástica, se tornaram criaturas diabólicas.

³ O projeto do soberano era muito mais ambicioso, pois estava prevista a realização de onze lapidários, mas apenas foram escritos quatro. As fontes utilizadas eram as de mineralogia muçulmana que traduzia os tratados de Aristóteles. A obra de Afonso X cita a fonte grega como sendo a principal, mas na realidade o seu *Lapidário* baseia-se nos textos árabes (MENÉNDEZ PIDAL, 1969, 443).

virtudes mágicas das pedras e as imagens que devem ser gravadas na fabricação de talismãs.

Na realidade, os textos sobre o poder mágico das pedras têm uma origem muito mais antiga. Os primeiros aparecem na antiga Grécia, mas sabe-se que o culto das pedras e das gemas mágicas estava presente na civilização egípcia e mesopotâmica, influenciando, assim, a cultura helénica (PRIETO, 1992, 191). Também Aristóteles escreveu sobre as pedras e as via como elementos compostos por uma mistura de terra e água. Para o filósofo, as várias gemas podiam-se encontrar não apenas na terra, mas também no ar, *ceraurum*⁴ pedra das nuvens; no fogo, como as pedras vulcânicas; na água, por exemplo o coral; e nos corpos de animais (BEINERT, 2003, 59). – de facto, era uma crença comum que as pedras preciosas se encontravam na cabeça de serpentes ou na garganta de dragões e existiam técnicas para as apanhar, por exemplo, a *dragontia*, pedra que estava dentro da cabeça do dragão, tinha de ser apanhada enquanto o animal dormia para ela não perder os poderes mágicos (BRAGHTON, 1988, 166).

O primeiro texto que se conhece é grego do século I d. C. de Damigeron, mas só se encontrou a sua tradução em latim de quatro séculos mais tardios (*De Virtutibus Lapidum*). Vários autores medievais abordam a temática das pedras sem terem escrito verdadeiros lapidários mas tratados enciclopédicos, como Isidoro de Sevilha (560-636) no livro XVI das *Etimologiae*, Vicente de Beauvais (1190-1264) no livro VIII de *Speculum Naturale*, Tomás de Cantimpré (1200-1270) no livro XVI de *De Natura Rerum*, ou Bartolomeu da Inglaterra (1203-1272) no livro XVI de *De Proprietatibus Rerum* (BOSSUAT *et alii*, 1964, 919-920).

A Idade Média europeia conta com 616 lapidários existentes, isto significa que neste período histórico o estudo das propriedades das pedras e a sua relação mágico-científica com os astros não era marginal (BEINERT, 2003, 2). Ainda hoje, não se parou de pensar nas pedras como algo de mágico ou que, pelo menos, tenham propriedades que podem ajudar num ou noutra aspeto da nossa vida. Mesmo assim, a importância dos lapidários não conseguiu alcançar os tratados didáticos dos bestiários⁵ que são ainda mais numerosos.

Os lapidários podiam ser meramente descritivos, ou seja, explicitar todas as características das pedras sem falar da prática para as utilizarem; de uso médico ou de

⁴ Ceraunite: pedra meteórica azul.

⁵ Para além de representar as particularidades dos animais reais e não, estes textos tinham também uma parte reservada às pedras e às plantas.

tratamento mágico, neste caso, fazem parte os do rei Afonso X; e o uso médico, o qual pode caber também no patamar do mágico, sendo instrumentos de magia natural. De facto, Tomás de Aquino (1225-1274) achava que o uso das pedras seria perigoso, a causa seu poder intrínseco que podia ser utilizado de maneira negativa como por exemplo para enganar, hipnotizando as pessoas ou usado como feitiço maléfico, como por exemplo, o sárdio utilizado para contratar os malefícios ou o heliotrópio usado para causar as tempestades. Outras gemas tinham a função de atrair o amor, entre estas pedras encontram-se o magnete e a selenite que precisava de um ritual durante a mudança de lua para que os seus poderes pudessem ser ativados⁶ (BEINERT, 2003, 48-49). Neste sentido, as ervas curativas corriam o mesmo risco, assim, para Tomás de Aquino era preciso colher as plantas pensando em Deus ou trazendo consigo um símbolo divino ou acompanhado por um padre (SCHMITT, 1997, 52).

Além do aspeto mágico, as pedras distinguiam-se também pelo fator curativo. De facto se pulverizadas e bebidas podiam ser poderosos medicamentos contra as doenças não apenas dos seres humanos, mas também dos animais, como demonstra o *Livro da Falcoeria* de Pero Menino. Neste manual veterinário escrito para curar as doenças dos falcões encontram-se inúmeras referências às pedras, que tinham de ser juntadas a outros ingredientes para, assim, criar o remédio ideal por uma ou outra patologia. O autor, no início do texto, indica todos os ingredientes que são necessários à cura do falcão, um deste é a “pedra sanguínea”, ou seja, jaspe sanguíneo utilizado misturado com sangue de dragão, farinha de trigo e clara de ovo para formar uma espécie de tala gessada na quebratura das pernas e das asas do falcão.

Ainda mais remotamente (em torno do século VII), encontra-se o uso da pérola na medicina europeia como remédio para curar a loucura, a epilepsia e a melancolia, doenças consideradas “lunares”. Segundo Eliade (1979, 144), esta característica médico-mágica da pérola tinha a sua origem na cultura oriental. O autor afirma que a pérola no Oriente era considerada ctónica porque derivada das lágrimas da deusa lua e, portanto, carregada da energia feminina denominada como *yin*.

Diferentes pedras podiam funcionar como remédio para a mesma doença, e costumavam ser misturados com outros ingredientes, em particular mel e/ou leite, mas também vinho ou água. Por exemplo, o jaspe misturado ao mel e bebido com água ajudava as mulheres no aumento de produção de leite materno, ou ainda o magnete

⁶ De facto o termo selenite deriva do grego *selēnē* que significa “lua”.

misturado ao mel ajudava a pele nas queimaduras e tratava o edema (BEINERT, 2003, 45). Apesar de tudo estes tratamentos estavam condenados como superstição, ou seja, práticas não consideradas verdadeiras e que, por isso, tinham de ser punidas mediante uma penitência, que normalmente equivalia a ficar por um período de tempo a pão e água (SCHMITT, 45, 1997). O fator supersticioso da descrição do poder das pedras era causado também pelo facto de os lapidários descreverem uma mesma gema com poderes diferentes. Por exemplo, na redação dos lapidários de Afonso X, por causa de dificuldade de tradução dos compiladores, uma mesma pedra está descrita mais vezes, mas com nomes e com poderes diferentes, demonstrando assim o aspeto supersticioso da funcionalidade das gemas, que apenas podiam ter êxito graças a uma propícia coincidência (MENÉNDEZ PIDAL, 1969, 443). De facto, como afirma Braghton (1986, 276), existem cerca de dezasseis tipos de jaspes e são de diferentes cores e cada um de particularidade diferente, alguns deles protegiam das febres, enquanto que o verde era usado como defesa contra fantasmas e afogamentos.

O poder das pedras era útil para descobrir os venenos que podiam estar nas bebidas, por isso, algumas gemas estavam colocadas na decoração de copos e taças, por possuírem essas particularidades, é exemplo disso o cristal de rocha que tinha, entre outras, esta função. Tal cristal era utilizado também na construção dos relicários, devido à sua transparência que permitia, assim, a visibilidade da relíquia. Um exemplo de tal objeto encontra-se no território português e é o Relicário do Santo Lenho (século XIV), pertencido a rainha Isabel de Argão (1271-1336) e feito a partir de ramos de coral (Fig.1). Este utensílio, antes da sua função religiosa, parece ter sido uma custódia para amuletos e talismãs constituídos por línguas de serpente, dentes de tubarão e outros fragmentos de materiais exóticos usados para detetar os possíveis venenos na comida do soberano (GOULÃO, 2009, 125-126).



Figura 1 Relicário do Santo Lenho. Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra <http://muraldaspetas.blogspot.pt/2011/03/uma-santa-rainha.html>

Existem também lapidários de tipo cristão, isto é, que não descreviam as pedras dando atenção ao poder mágico, mas fazendo uma análise religiosa das gemas que apareciam nos livros da Bíblia. Nestes textos estavam descritas as doze pedras que aparecem no *Êxodo* (39, 1-32) e as doze que estão

presentes no *Apocalipse* (21, 19-20). Ao primeiro livro correspondiam as gemas situadas na veste do sumo-sacerdote: sárdio, topázio, esmeralda, rubis, safira, jaspe, crisólito, ágata, ametista, granada, ónix e berilo; no segundo encontram-se as pedras da Jerusalém celeste: jaspe, safira, calcedónia, esmeralda, sardónia, sárdio, crisólita, berilo, topázio, crisópraso, granada e ametista (BOSSUAT *et alli*, 1964, 919-920).

As origens de função “mágica” do relicário mostram como o Cristianismo foi, ao longo dos séculos, substituindo os usos e as tradições pagãs. Esta passagem de uma crença para a outra é visível também na literatura medieval e inerentemente às gemas é possível notar como, por exemplo, a espada de Rolando, chamada de Durendal, na obra francesa a *Chanson de Roland* haja uma troca de pedras mágicas com relíquias, que fazem com que a arma se torne bela e santa. A espada do protagonista desta canção de gestas parece ter uma origem divina, e portanto, religiosa, porque foi oferecida a Carlos Magno por um anjo. Repare-se que nas crenças anteriores ao Cristianismo as espadas eram objetos criados em mundos “outros” e alheios àquele dos humanos. Personagens encantadas como as fadas constroem as espadas e as oferecem ao herói em situações particulares e de desafios maravilhosos para que ele se torne quase invencível. O poder das espadas é devido à fabricação mágica⁷ mas também às gemas. A tradição da arma encantada tornou-se uma característica do campo religioso, pois, o milagre foi substituindo, durante os séculos de conversão, a particularidade mágica destes objetos cavaleirescos com aquela mística (MARQUES, 2013, 30).

As pedras eram utilizadas também na decoração de armaduras e armas, sempre tendo uma tarefa protetiva ou de aumento da força e da coragem do cavaleiro, por exemplo, a ceraunite que vinha encastada nos arcos, sendo uma pedra proveniente do céu onde se combatiam as guerras entre os ventos. Portanto, as pedras funcionavam como amuletos decorativos que podiam ajudar o cavaleiro a ter mais força, ou a ser protegido dos ataques.

⁷ Na cultura viking a arte da criação das espadas era considerada uma atividade mágica, pois, o ferreiro era a única tarefa que estava divinizada, a causa da habilidade de criar do nada. A qualidade mágica do ferreiro encontra-se também na literatura, um exemplo está recolhido na obra finlandesa *Kalevala* de Elias Lönnrot, que apesar de ter a sua primeira publicação em 1835 recolhe os cantos e as lendas populares de origem antiga da zona da Carélia, na fronteira com a Rússia. Ilmarinen é a personagem responsável pela construção do mágico Sampo, distribuidor de riquezas e prosperidade.

O valor mágico das pedras perpetuou-se através dos séculos e acabou por fazer parte dos vestuários reais e papais. Os bizantinos foram aqueles que mais utilizaram as gemas e que espalharam esta moda por toda a Europa até à Escandinávia. A moda de Bizâncio e a sua particularidade do uso das pedras está particularmente visível nos



Figura 2 Justiniano I e Teodora. Mosáico San Vitale de Ravenna. <http://www.dejavuteam.com/2014/06/03/la-perla-1-parte/>

mosaicos da igreja de San Vitale em Ravenna (Itália – Século IV). Pois, o imperador Justiniano I (482-565) e a consorte Teodora (497-548) estão representados com esforçadas joias: pérolas, esmeraldas e safiras (fig. 2). A assemblagem destas pedras servia para definir o cromatismo que só a família real podia trazer, como afirma o decreto-lei do soberano. A arte merovíngia e carolíngia sentiam muito a influência do leste

como se pode notar no uso das gemas e pedras preciosas em várias custódias de bíblias e na coroa do Sacro Romano Império de Carlos Magno (742-814) (Fig. 3).

A arte germânica era constituída principalmente por pequenas peças de ourivesaria como fíbulas e colares constituídas por pedras de diferente cores que compunham vários desenhos, alguns destes eram religioso-mágico como o deus Ódin, mas também criaturas monstruosas como dragões ou animais poucos comuns, como leões. Pois sendo eles povos nómadas e guerreiros precisavam de um tipo de arte que fosse de prática transportação, e que ao mesmo tempo pudesse representar a habilidade artística do criador e ter uma funcionalidade, não sendo apenas a ornamental. As fíbulas eram utilizadas



Figura 3 Coroa do Sacro Romano Império. Hofburg, Viena. https://it.wikipedia.org/wiki/Corona_d_el_Sacro_Romano_Impero

para fechar as túnicas e utilizadas pelos homens e pelas mulheres. Além disso as peças de ourivesaria serviam para identificar a classe dos possuidores, quanto mais alta era a escala social mais rica eram peças que traziam. Historicamente as regiões germânicas tinham comercializado muito com a Europa do Leste e com Bizâncio, trazendo sedas, prata, especiarias e peças preciosas fechadas em cofres. Os vikings, por exemplo, da “estrada do leste” transportavam prata e joias. Além disso, parece, segundo uma crónica

de Ibn Fadlan (877-960), que adoravam as pérolas de vidro verde e que as compravam por um preço muito alto (IBN FADLAN *apud* BOYER, 1994, 132 e 143). O uso das pedras preciosas no contexto artístico reflete essa potencialidade “mágica” em particular no uso da fabricação de armas, em que, para além da decoração, traziam ao cavaleiro poderes especiais e o protegiam dos ataques inimigos no combate.

A origem mágica das pedras reflete-se na literatura medieval. Pois, em várias obras literárias em particular naquelas germânicas e do Norte da Europa, a roupa e as armas, mais especificadamente as espadas, são decoradas ricamente e com pedras preciosas. Por exemplo, na obra germânica de que a *Canção dos Nibelungos* aparece muitas vezes a referência a “ricas vestes” decoradas com pedras. Embora esta obra revele muitas ocorrências mágicas, não há particular referência às pedras como um instrumento encantado. Na sexta aventura, em ocasião da partida de Gunther para a Islândia, há a descrição de como as vestes eram preparadas: gemas, tecidos preciosos de ouro, decorados com pele de peixes raríssimos e arminhos. O ouro é o material que mais se evidencia na descrição da roupa dos guerreiros, pois ainda hoje considerado o metal mais precioso de todos e perfeito, fundamental não apenas na decoração artística, mas também na alquimia. Portanto é possível imaginar que o uso das pedras e dos vários elementos decorativos, para além de enriquecer as armaduras e a roupa dos guerreiros tinham também um significado mais profundo ligado ao mágico. De facto, isto é bem visível na cintura de Brunilde, que uma vez que Siegfried a rouba, a rainha perde o seu poder e a sua força.

Em vários romances franceses de Chrétien de Troyes aparecem diversos tipos de pedras. Pois, como refere Valérie Gontero (2002, 238), parece que nas obras do autor medieval esteja presente um “sistema mineral”, demonstrando o conhecimento de Chrétien sobre os lapidários franceses. Também nestas obras as pedras são utilizadas como elemento decorativo da roupa dos vários heróis, funcionando, não apenas como objetos meramente utilizados para ostentar a riqueza, mas também mostram as próprias características mágicas de proteção e oferecem qualidades ao cavaleiro que os possui. Por exemplo, a capa que o rei Artur oferece a Erec tem uma ametista e um crisólita. A primeira pedra está reconhecida por muitos lapidários como símbolo da temperança, virtude fundamental dos soberanos; a segunda ajuda no afastamento dos medos (GONTERO, 2002, 245-246). De facto, a capa de Erec é feita por quatro fadas que

simbolizam as artes liberais (Geometria, Aritmética, Música e Astronomia) revelando, assim, o poder mágico das vestes (PLANCE, 1989, 75 e 76).

Sabe-se ainda que as gemas sempre estiveram ligadas ao poder “talisimânico” originado, em particular, a partir da conjunção das pedras com os astros. Pois, também a Bíblia demonstra tal importante conexão: no livro da *Êxodo* (39, 8-14) está descrito o peitoral do sumo-sacerdote constituído por doze pedras dispostas em quatro filas cada uma de tonalidade diferente correspondente às tribos de Israel, mas Fílon de Alexandria (20 a. C. – 45 a. C.) na sua obra *De vida de Moisés* conjugou as doze pedras do peitoral aos doze signos zodiacais. Pois, outros estudiosos contemporâneos, entre eles Giuseppe Flavio, mostram como o peitoral do sacerdote poderá estar relacionado com a arte da astrologia, que sempre existiu nas culturas hebraicas (*apud* MARQUÈS-RIVIÈRE, 1984, 21). Isto não deveria surpreender, já no *Genesis* se afirma que as estrelas podem ser “signos” úteis ao homem.

Porém, para além destes poucos textos citados, a literatura medieval não desenvolveu muito a temática das pedras, ou seja, a elemento mágico na literatura medieval está muito mais presente sob a forma de pessoas encantadoras ou feitiços, mais do que propriamente o uso e a presença das pedras. No *Dictionnaire du Moyen Âge* explica-se que as gemas foram também pouco usadas, juntamente aos florários, na literatura didática e alegórica, ficando, assim, num patamar inferior do que, por exemplo os textos dos bestiários. De facto, na literatura medieval estão presentes mais animais híbridos e monstruosos, como os dragões, do que pedras mágicas e encantadoras (GAUVARD *et alii*, 2002, 817).

Pelo contrário na arte faz-se um grande uso das pedras preciosas, de certeza pelo seu fator decorativo, mas como demonstra a análise do Relicário do Santo Lenho, as gemas não eram sempre postas ao acaso na obra de arte, mantendo, desta maneira, um significado ligado ao mágico que deveria ser explorado de maneira mais aprofundada. Na arte da costura as pedras eram muito utilizadas para decorar a roupa dos senhores ricos e em particular dos reis. Na Polónia, durante a dinastia da casa dos Piast⁸ a beleza era considerada sinónimo de riqueza, por isso, utilizavam-se armaduras preciosas, vestidos muitos ricos decorados com pedras, joias, fios de ouro, prata e peles (WILSKA, 1989, 309-310).

⁸ Dinastia de reis e duques poloneses. O primeiro Piast (Piast Kołodziej) aparece como fundador da mesma Polónia no século IX, o último da família é o soberano Casimiro III (1333-1370).

Para concluir, a crença no poder das pedras como elementos que podem aportar benefícios e afastar as energias negativas está ainda hoje muito viva. Isto não surpreende, porque muitas imagens criadas na Idade Média e convicções mais antigas ainda persistem no nosso pensamento e cultura, que vê não apenas nas gemas, mas também em outros elementos, como, por exemplo, as bruxas, uma continuação na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA ATIVA

I Nibelunghi, a cura di Luigi San Giusto. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese (già Ditta Pomba), 1947

La Chanson de Rolland, a cura di Graziano Ruffini con testo a fronte di Cesare Segre. Parma: Ugo Guanda, 1981

MENINO, Pero. *Livro de Falcoaria*. Introdução, notas e glossário de Manuel Rodrigues Lapa. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

BEINERT, Richard A. *Windows on a medieval world: medieval piety as reflected in the lapidary literature of the Middle Ages*. Thesis submitted to the School of Graduate Studies in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts. Newfoundland: Department of Religious Studies Memorial University of Newfoundland, 2003

BOSSUAT, Robert, PICHARD, Louis, DE LAGE, Guy Raynaud. *Dictionnaire des lettres française [le Moyen Âge]*. Torino: Fayard, 1964

BOYER, Régis. *La vita quotidiana dei vichinghi (800-1050)*. Milano: BUR, 1994

BRAUGHTON, Bradford B. *Dictionary of medieval knighthood and chivalry – Concept and Terms*. New York: Greenwood, 1986

BRAUGHTON, Bradford B. *Dictionary of medieval knighthood and chivalry – People, Places and Events*. New York: Greenwood, 1988

CROW, John L. *Miracle or Magic? The problematic status of Christian Amulets*. In: BRAAK, Jacqueline, MALONE Deirdre. *Van Discussie tot Beleving: Religiestudies aan de UvA*. Amsterdam: Ars Notoria/ University of Amsterdam, 2009

- ELIADE, Mircea, *Imagens e símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979
- GARCÍA AVÍLES, Alejandro, *Alfonso X y la tradición de la magia astral*. In: MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús, DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Ana. *El scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las “Cantigas de Santa María”*. Madrid: Editorial Computense, 1999
- GAUVARD, Claude, DE LIBERA, Alain, ZINK, Michel. *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: Quadrige/PUF, 2002
- GIRALT, Sebastià, *Magia y Ciencia en la Baja Edad Media: la Construcción de los Límites entra la Magia Natural y la Nigromancia, c. 1230-c. 1310*. *Clio y Crimen*, Durango, n.º 8, pp.14-72, 2011
- GONTERO, Valérie, *Les gemmes dans l’oeuvre de Chrétien de Troyes (Erec et Enide, Cligès, Le Chevalier de la charrette, Le Chevalier au lion, Perceval)*. *Cahiers de civilization médiévale*. Poitiers, v. 179, n. 45, pp. 237-254, 2002
- GOULÃO, Maria José. *Expressões Artísticas do Universo Medieval*. Lisboa: Fubu Editores, 2009
- MALRIEU, Philippe. *A construção do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996
- MARQUES, Diana Sofia da Silva. *Excalibur: a espada na bruma*. Dissertação de mestrado em Estudos Ingleses. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013
- MARQUÈS-RIVEÈRE, Jean. *Amuleti, talismani e pantacoli*. Roma: Edizioni Mediterranee, 1984
- MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón. *Historia general de las literaturas hispanicas*, vol. 1. Barcelona: Editorial Vergara, 1969
- KORNBLUTH, Geneva. Early medieval crystal amulets: secular instruments of protection and healing. Em linha <http://www.medievalists.net/2011/06/28/early-medieval-crystal-amulets-secular-instruments-of-protection-and-healing/> (consultado em 12-10-2015)
- PLANCE, Alice. *Les robes du rêve: robes de roi, robe de fée, robe de fleurs, robe du ciel*. In: *Le vêtement. Histoire. Archéologie et symbolique vestimentaires au Moyen Âge*. Paris: Le Leopard d’Or, 1989.
- PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Ureña. *O significado dos lapidários antigos*. Separata da revista da Universidade de Coimbra, vol. XXXVIII. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1992.

SCHMITT, Jean-Claude, *Medioevo “Superstizioso”*, Roma-Bari, Laterza, 1997.

VILLENEUVE, Roland, *Dictionnaire du Diable*, Paris, Omnibus, 1998.

WILSKA, Malgorzata. *Du symbole au vêtement: fonction et signification de la couleur dans la courtoise de la Pologne médiévale*. In: *Le vêtement. Histoire. Archéologie et symbolique vestimentaires au Moyen Âge*. Paris: Le Leopard d’Or, 1989.